

Levantamento etnobotânico sobre coentros e poejos no Alentejo¹

Ethnobotanical survey of cilantro and pennyroyal on Alentejo

Orlanda Póvoa

Noémia Farinha

Susana Saraiva Dias

Resumo

O coentro (*Coriandrum sativum* L.), o poejo (*Mentha pulegium* L.) e o poejo fino (*Mentha cervina*) são frequentemente utilizados na cozinha tradicional alentejana, imprimindo-lhes um toque distintivo comparativamente à cozinha tradicional das restantes regiões portuguesas.

Foi efectuado um levantamento etnobotânico da utilização medicinal e condimentar destes três *taxa* com base em 67 entrevistas semi-estruturadas com informantes individuais ou em grupo em todo o Alentejo, compilando 91 fichas para as três espécies em estudo.

A maioria dos informantes era idoso (>60 anos), analfabeto (40%) ou com o ensino básico (55%), reformado ou doméstica, mas com profissões passadas relacionadas com a agricultura e o mundo rural. A utilização condimentar destas espécies foi fundamentalmente para açordas, pratos de peixe, sopas de peixe e migas. A utilização do coentro foi mais frequente e envolveu mais receitas do que para as *Mentha* spp. Não foi recolhida nenhuma informação sobre utilização medicinal de coentro. A utilização medicinal das *Mentha* spp. foi idêntica sendo sobretudo relacionada com afecções do sistema respiratório (76%) e do sistema digestivo (11%).

Palavras-chave: Etnobotânica; Plantas medicinais, *Coriandrum sativum*; *Mentha cervina*; *Mentha pulegium*; Portugal.

Abstract

Coriandrum sativum, *Mentha pulegium* and *M. cervina* are often used for food seasoning in Alentejo traditional dishes, being a distinguish 'touch' when compared with other Portuguese regions traditional cuisine.

An ethnobotanical survey was carried out in Alentejo, south Portugal with 67 semi-structured interviews and 91 individual species data files. Data on medicinal uses and food seasoning were collected for the 3 *taxa*.

The average informant's are elder people (>60 years), illiterate (57%), retired or domestic and have, or had, professions related with agriculture or nature. Food seasoning with these species is mainly for 'açorda' (traditional bread dish), fish soups and fishes. Coriander use for food seasoning is broader and more often than *Mentha* spp. No medicinal use was reported for *C. sativum*. The 2 *Mentha* species are used mainly to treat health problems related to the digestive (11%) and respiratory (76%) systems. Traditional knowledge erosion risk in the region is high due to rural desertification and rural population aging.

Keywords: Ethnobotany; Medicinal plants; *Coriandrum sativum*; *Mentha cervina*; *Mentha pulegium*; Portugal.

¹ Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, realizado nos dias 6 e 7 de Dezembro de 2012.

Introdução

A etnobotânica é uma ciência interdisciplinar que se debruça sobre o estudo das pessoas e a gestão e o uso que fazem das plantas. Não se restringe apenas à recolha do conhecimento sobre as plantas, trata também da conservação da biodiversidade e desenvolvimento comunitário (Martin, 1995). Numa definição actual, é uma ciência interdisciplinar que agrega objectivos, conceitos e metodologias de diversas disciplinas como a antropologia, a etnografia, a história, a botânica ou a farmacologia, tendo como âmbito a percepção, uso e gestão do universo vegetal num determinado contexto cultural (Schultes & von Reis, 1995; Alexiades, 1996; Carvalho, 2005).

O conhecimento sobre as plantas foi desenvolvido pelas sociedades humanas ancestrais pelo método de tentativa e erro, aprendendo-se a reconhecer a sua utilidade como alimento, medicamento, abrigo, mágico-religioso, etc., passando de geração em geração através da tradição oral (Camejo-Rodrigues *et al.*, 2006). Nos países chamados desenvolvidos, sobretudo nas últimas duas gerações, tem-se assistido a um processo de aculturação, no sentido da dominância de uma cultura «superior» - industrial e «moderna» - sobre a cultura «tradicional» baseada no mundo rural, considerada inferior, sobretudo como resultado de pressões económicas externas. Esta aculturação, em acumulação com a desertificação humana das zonas rurais, levou à erosão do conhecimento tradicional (Bonet *et al.*, 1999).

É urgente preservar esse conhecimento em vias de se perder, pois as pessoas mais velhas, depósitos vivos dos saberes tradicionais, vão morrendo ou migrando para o mundo urbano, com a conseqüente perda dessa cultura. Existe também um desinteresse por parte dos jovens em aprender os conhecimentos tradicionais, tendo como resultado o rompimento do sistema de transmissão tradicional, deixando de haver passagem de informação para as gerações mais novas (Martin, 1995). Acresce ainda a ameaça da globalização da cultura moderna através dos meios de comunicação social, sobretudo informática, mas também audiovisual, sendo já, por vezes difícil distinguir, nos trabalhos de campo de recolha de informação, entre o conhecimento tradicional e aquilo que é a amálgama resultante da mistura do conhecimento tradicional e do conhecimento livresco e globalizado (Camejo-Rodrigues, 2006).

É muito importante a simpatia e calma na aproximação e principalmente a utilização de linguagem simples para não chocar com a linguagem dos informantes. Outro aspecto a ter em conta é a perícia e a intuição do entrevistador para evitar que os informantes se desviem do tema e assim desenvolver a entrevista de acordo com os resultados que pretende obter, sem querer fazer um inquérito rígido e sequencial (Blanco, 1996; Casana-Martinez *et al.*, 1996).

A selecção de informantes geralmente é feita de forma não aleatória, começando por contactos privilegiados fornecidos por técnicos de entidades públicas (juntas de freguesia, Instituto da Conservação da Natureza, e outras). A procura de informantes, em locais sem contactos prévios, costuma iniciar-se em locais públicos como asilos de idosos, mercados, cafés e restaurantes (Novais *et al.*, 2004; Carvalho, 2005). Estes informantes iniciais podem indicar outros, num processo designado por efeito de bola de neve (*snowball sampling*, Bernard, 1988).

Várias entrevistas sucessivas costumam ser feitas para completar informação e confirmar a identificação de algumas plantas (Novais *et al.*, 2004; Carvalho, 2005; Camejo-Rodrigues, 2006).

Quanto à recolha directa dos conhecimentos etnobotânicos no campo, o método mais utilizado pelos etnobotânicos ibéricos tem sido a “entrevista etnobotânica” (Novais, 2002; Carvalho, 2005; Camejo-Rodrigues, 2001, 2006, Pardo de Santayana *et al.*, 2005). Pode-se optar por um inquérito com questionário ou por uma conversa informal. No entanto, alguns autores dizem que os questionários escritos formais criam situações forçadas e não dão bons resultados. Assim, os investigadores aconselham a preparar bem a entrevista, apoiando-se num guião mental dos pontos a tratar, sem no entanto seguir uma ordem rígida pré-definida, evitando-se fazer demasiadas perguntas sucessivas e directas, de modo a obter as informações quase espontaneamente e obter confiança por parte dos informantes (Blanco, 1996; Camejo-Rodrigues, 2001, 2006).

A contrastação e **validação da informação** etnobotânica é fundamental para obter dados fidedignos e representativos. A contrastação faz-se através da confrontação dos informantes com perguntas directas sobre o uso de determinadas espécies; usando exemplares de plantas herborizadas no caso de não ser possível efectuar visitas ao

campo. Estes métodos de contrastação de informação são aplicados aos informantes que mostrem não ser facilmente influenciáveis.

Tradicionalmente a etnobotânica baseava-se na descrição de espécies e usos e aplicava métodos qualitativos na análise da informação (Mesa, 1996). Actualmente pretende-se valorizar mais os aspectos quantificáveis, partindo do pressuposto que os dados quantitativos são mais fiáveis que os de carácter qualitativo; no entanto, esta quantificação pode implicar a simplificação artificial da realidade e conduzir a conclusões falsas. De qualquer forma é consensual que a quantificação permite avaliar e comparar dados etnobotânicos (Carvalho, 2005).

A apresentação de dados qualitativos sobre a forma de tabelas, catálogos e listas, assim como a citação textual, permitem concluir sobre a riqueza florística de uma região e a integração das comunidades rurais no seu meio (Carvalho, 2005).

Diversos autores referidos na bibliografia apresentam métodos muito diversos de **tratamento quantitativo de dados etnobotânicos** de forma a determinar a interacção Homem e planta. Carvalho (2005) cita os métodos de tratamento quantitativo de dados propostos por Zent (1996), mas considera-os dispendiosos, demorados no tempo e demasiado intromissivos na vida quotidiana dos informantes.

Carvalho (2005) optou por utilizar o índice de etnobotanicidade, o índice de importância relativa para avaliação da versatilidade de usos de cada espécie e um factor de consenso. Aquela autora também contabilizou a percentagem de famílias botânicas e *taxa* utilizados por cada uso, assim como a importância relativa de cada *taxon* ou família dentro de cada uso.

Considera-se como aplicação, as distintas finalidades (uso exacto) de uma planta dentro de uma categoria. A frequência de citação é considerada como o número de vezes que a planta é mencionada pelos diferentes informantes para determinado uso (Carvalho, 2005).

Na pesquisa bibliográfica sobre a etnobotânica das espécies em estudo, verificou-se que as espécies *Coriandrum sativum* e *M. pulegium* são largamente utilizadas em Portugal e

Espanha mas, pelo contrário, as referências quanto à utilização da espécie *M. cervina* são raras. A *M. pulegium* tem diversas utilizações como medicinal, condimentar e alimentar e ainda outros fins, por exemplo, como repelente de insectos, em perfumaria e sabões (Monteiro, *et al.*, 2007). A *C. sativum*, sobretudo os frutos, têm aplicações medicinais e as suas folhas e caules tenros são amplamente utilizados como condimento de diversos pratos tradicionais (Delaveau *et al.*, 1983; Moreira *et al.*, 2005). A única referência encontrada relativa ao uso da *M. cervina* é feita por Camejo-Rodrigues (2001) que a refere como condimentar de pratos de peixe (caldeirada e molhos para peixe grelhado).

Deste modo, foi objectivo deste trabalho a recolha etnobotânica dos usos do coentro (*C. sativum*), do poejo (*Mentha pulegium*) e do poejo fino (*Mentha cervina*) na região alentejana para complementar estudos anteriores e, preencher a lacuna de conhecimento escrito relativo ao uso da *M. cervina*. A escolha destas espécies em particular deveu-se ao facto de todas elas serem características da cozinha tradicional alentejana.

Metodologia

Área de estudo e recolha de dados

O levantamento etnobotânico efectuou-se entre Nisa (Montalvão), a Norte, até Almodôvar (Cansados) e Odemira (Nave Redonda), a Sul; e desde Campo Maior (Ouguela) a Este e a Vila Nova de Milfontes, a Oeste. A altimetria da área amostrada variou entre os 63 metros (Alcácer do Sal) até a um máximo de 644 metros de altitude (Marvão) (Anexo 2).

As saídas de campo realizaram-se maioritariamente em feriados ou fins-de-semana. Este facto levou a que fosse possível entrevistar pessoas de todas as escalas etárias e não apenas os idosos, domésticas e reformados que costumam permanecer em casa no horário laboral.

A recolha de informação iniciou-se em 2002, estendendo-se a 2003, com algumas saídas de campo ainda em 2004.

A selecção de informantes foi feita sem contactos prévios, em locais públicos, como cafés, restaurantes, praças, quintais, etc. O método utilizado foi o da entrevista semi-estruturada, muitas vezes em grupos de pessoas (tendo sido registados com o nome do informante mais importante). Os potenciais informantes eram esclarecidos sobre o âmbito do nosso trabalho de investigação e questionávamos sobre a disponibilidade de germoplasma vegetal para propagação *ex-situ* na ESAE, preferencialmente oriundo de habitat silvestre; também se perguntava acerca dos usos das plantas em estudo. Na maioria dos casos, o germoplasma pretendido e a respectiva informação etnobotânica eram obtidos de um desses informantes iniciais; noutros casos, eram-nos indicadas outras pessoas/locais onde continuar a recolha de informação e colheita de germoplasma vegetal.

O registo da informação foi feito em fichas de campo preparadas pela equipa líder do projecto Agro 34 (Banco Português de Germoplasma Vegetal, em Braga, Anexos 4 e 5). A ficha de campo aborda várias tipologias de informação: a caracterização do informante, informação sobre o uso das plantas e informação sobre o local de colheita. A ficha de campo é exaustiva e longa, por vezes repetitiva e nem sempre foi possível obter a totalidade das informações requeridas. Sempre que necessário foram anotadas informações adicionais que não constavam dessa ficha. Por vezes foi necessário efectuar várias visitas sucessivas ao mesmo local/informante para recolha adicional de germoplasma vegetal, esclarecimento de dúvidas e recolha de informação em falta. Foi tentada a recolha da informação em falta através de contacto telefónico, mas com poucos resultados.

Foi usada a fotografia para registo de dados ecológicos das espécies, assim como usos específicos (particularidades de armazenamento de sementes), etc. (Figura 1). Foram herborizados exemplares de plantas dos locais onde as espécies foram colhidas no seu estado silvestre. Pontualmente, na recolha do método de elaboração do 'piso' de *M. pulegium* e de *M. cervina* (2004) foi feita gravação em vídeo e usado o método de observação participante.



Figura 1 - Realização de entrevistas etnobotânicas em Figueira e Barros (Avis) e Monte do Pardo (Nisa).

Tratamento estatístico dos dados etnobotânicos

Os dados recolhidos nas entrevistas etnobotânicas foram introduzidos em folhas de cálculo do Excel, tendo sido divididos em duas bases de dados cruzadas; uma delas com as informações relativas à caracterização dos informantes; a outra relativa aos usos citados para as plantas. No tratamento dos dados foram usadas as ferramentas estatísticas incluídas no Excel.

Foi feita uma análise quantitativa, baseada em frequências e percentagens, dos dados relativos à caracterização dos informantes, tendo sido necessário agregar os dados por classes de informação (idades, profissões, etc.). Para as utilizações medicinal, alimentar e condimentar e outras, também foi feita uma quantificação em frequências e percentagens de citações de usos, agregados em classes de uso.

Como crivo de validação, não foram consideradas as informações fornecidas por apenas um informante.

Resultados

Caracterização dos informantes

No total foram entrevistados 67 informantes, tendo sido recolhidas 91 fichas de dados etnobotânicos relativos às espécies em estudo.

A grande maioria dos informantes (74%) tinha mais de 50 anos, dos quais 18% tinham mais de 70 anos (Figura 2).

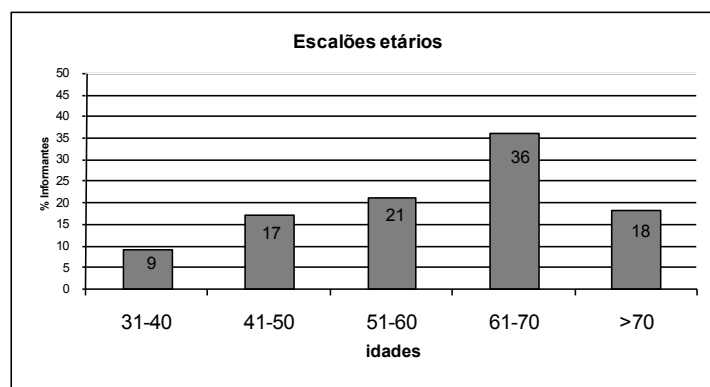


Figura 2 - Escalões etários dos informantes.

A maioria dos informantes pertencia ao sexo feminino (52%). No entanto, sobretudo quando a entrevista foi feita em meios familiares, com a presença do casal, os dados ficaram registados no nome do marido por insistência do membro feminino, possivelmente devido a questões culturais profundamente enraizadas.

A maioria dos informantes era reformada ou tinha actividades domésticas (66%), sendo que muitos desempenhavam funções ligadas à agricultura e natureza (agricultores, capatazes, guardas-florestais, etc.). Os profissionais ligados à agricultura representavam 13%, 43% eram reformados, 23% eram domésticas. Os restantes informantes (21%), com profissões muito variadas foram agregados numa categoria generalista (outra) (Figura 3). Destes últimos, muitos tinham actividades de ocupação de tempos livres na natureza (pescadores, caçadores, etc.). Todos os entrevistados eram directamente responsáveis pelo cultivo e/ou colheita de plantas, assim como da prática dos usos citados.

A maioria dos informantes tinha um grau de instrução baixo: 40% eram analfabetos e 55% tinham apenas a 4ª classe (Figura 3).

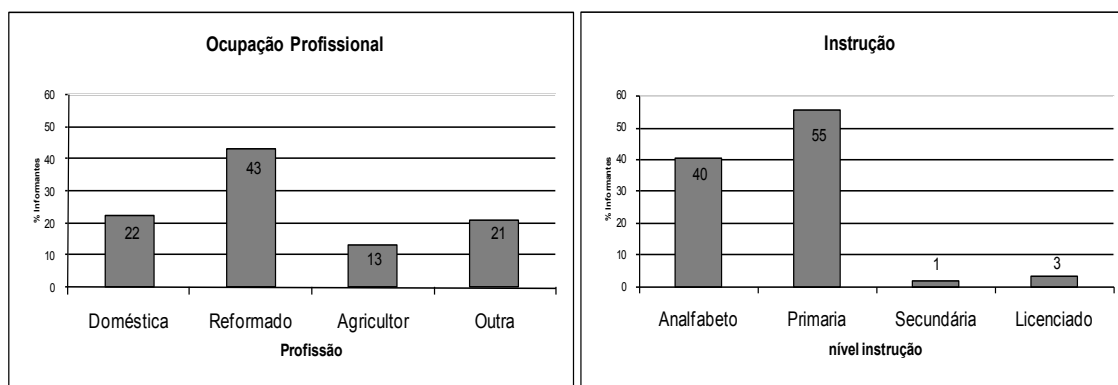


Figura 3 - Ocupação profissional (esquerda) e instrução escolar dos informantes (direita).

Utilização dos taxa

Relativamente aos nomes vulgares, na região de estudo foram registados os seguintes para *C. sativum*: coentros e cheirinhos. Para *M. pulegium*: poejo (em todo o Alentejo) e poejo-de-folha-larga (Alto Alentejo). Para a espécie *M. cervina* foram registados as designações: hortelã-da-ribeira (em todo o Alentejo) e poejo-fino (no Alto Alentejo). No estudo encetado o coentro apenas foi referido pelas suas utilizações aromática/condimentar, embora a sua utilização medicinal esteja registada na bibliografia consultada.

As sumidades floridas e toda a parte aérea eram usadas para fins medicinais e produção de licores das *Mentha* sp.. Nas preparações medicinais (infusão, licor, mistura com outras plantas) eram usadas quer as plantas frescas quer as secas (sumidades floridas). Na alimentação, como aromáticas e condimentares e para a elaboração do 'Piso', os informantes davam preferência às folhas e caules tenros. Nos períodos do ano de maior escassez de plantas no campo, normalmente durante o repouso vegetativo invernal, recorrem a plantas congeladas, plantas secas e também ao 'piso'.

Constatou-se que a maioria dos informantes cultivava estas plantas em pequenas áreas (<0,5m²), no seu quintal, em vaso ou em canteiro. São cultivadas nestas condições também outras plantas aromáticas e medicinais, o que denota que o cultivo é, maioritariamente, para consumo próprio. O cultivo das plantas também é um indicador da erosão genética da espécie, uma vez que para 93% dos informantes, o acesso a *M. cervina* era por cultivo, enquanto apenas 59% dos informantes depende do cultivo para ter acesso a *M. pulegium*. Este raciocínio não se aplica ao coentro uma vez que se trata de uma espécie que não existe fora de cultivo na nossa região.

A partir da análise das 33 fichas de *M. cervina*, apenas 9 referiam utilização medicinal, enquanto, para as 30 fichas de *M. pulegium*, apenas 12 não indicavam qualquer uso medicinal. Foram registadas 53 citações de usos medicinais para ambas as espécies (37 para *M. pulegium*, 16 para *M. cervina*): 76% das utilizações relacionam-se com doenças do sistema respiratório, como tosse, constipação, resfriado, dor de garganta e gripe (29 citações referentes a *M. pulegium*, 13 a *M. cervina*); 11% para o sistema digestivo,

como digestivo, dor de barriga, vesícula, problemas de fígado e má disposição (3 de cada *taxa*) e 13% para outros usos medicinais, como colesterol, para o sangue, vermífugo (lombrigas) e hipertensão (Figura 4).

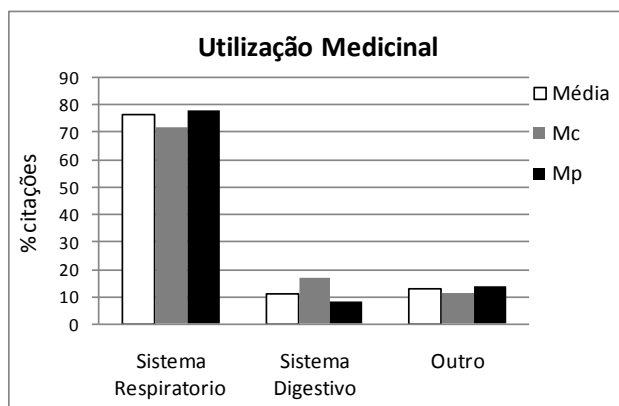


Figura 4 - Uso medicinal de *Mentha pulegium* (Mp) e *Mentha cervina* (Mc).

Genericamente, ambas as espécies de *Mentha* sp. são utilizadas no Alentejo para tratar maioritariamente problemas relacionados com os sistemas respiratórios e digestivo.

Do total de 63 fichas de plantas, apenas 1 relativa a *M. cervina* e 2 relativas a *M. pulegium* não contêm referência ao uso como condimentar. A frequência de uso da *M. pulegium* como condimentar é maior que de *M. cervina*. A *M. pulegium* é utilizada pelo menos uma vez por semana, enquanto que a *M. cervina* é usada uma vez por mês ou menos. Todas as 30 fichas de plantas relativas a *C. sativum* contêm usos como condimentar, sendo a frequência de utilização uma vez por semana.

Foram registadas 184 citações de usos como condimento para os *taxa*. A grande maioria das citações corresponde aos usos como condimento de açordas, sopas de peixe e outros pratos de peixe; as restantes categorias de utilização (migas, licor, outros tipos de sopa, pratos de leguminosas, pratos de carne e 'piso') embora minoritárias não deixam de ser interessantes (Figura 5).

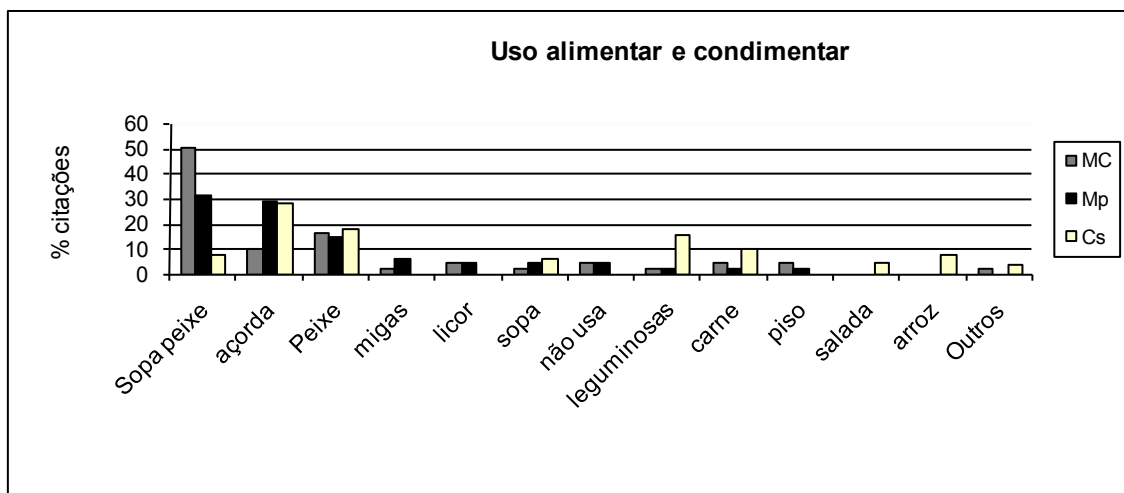


Figura 5 - Uso alimentar e condimentar de *Coriandrum sativum* (CS), *Mentha pulegium* (Mp) e *Mentha cervina* (Mc).

Discussão

A grande maioria dos informantes entrevistados tem mais de 50 anos, muitos dos quais têm mais de 70 anos; o grau de instrução é maioritariamente baixo (analfabetos e quarta classe). Este perfil de informante coincide com a maioria dos trabalhos de etnobotânica realizados (Novais, 2002; Carvalho, 2005; Camejo-Rodrigues, 2001 e 2006). De facto, o conhecimento etnobotânico resiste sobretudo nas pessoas mais idosas. Tratando-se do Alentejo, a região portuguesa com maiores problemas de desertificação humana e envelhecimento da população, não é estranho que nos tenhamos deparado com este grupo etário.

Dada a avançada idade dos informantes, alguns faleceram durante os anos que durou a nossa recolha de dados. Este facto também é referenciado na bibliografia consultada (Blanco, 1996). No nosso caso e, segundo o nosso conhecimento, faleceram três informantes, tendo sido perdida irreversivelmente toda a informação adicional que pudéssemos ainda vir a adquirir; desapareceram também os respectivos originais de germoplasma vegetal. Este facto realça a necessidade premente de continuar e aumentar a recolha de conhecimento etnobotânico.

A maioria dos informantes pertence ao sexo feminino, o que também coincide com a maioria dos trabalhos etnobotânicos existentes na bibliografia. No entanto, sobretudo quando a entrevista foi feita em meios familiares, com a presença e participação de

ambos os membros do casal, os dados ficaram registados no nome do marido por insistência do membro feminino, possivelmente devido a questões culturais profundamente enraizadas.

A maioria dos informantes é reformado ou doméstica, o que está em conformidade com o perfil de idades dos informantes. A maioria desempenha ou desempenhou profissões, ou tem actividades de ocupação de tempos livres, ligadas à agricultura e natureza (agricultores, capatazes, guardas-florestais), o que está em consonância com outros trabalhos (Blanco, 1996; Tardio *et al.*, 2002). Todos os entrevistados estão directamente ligados ao cultivo e/ou colheita de plantas, assim como à prática actual dos usos citados.

Relativamente aos nomes vulgares, as espécies têm um nome mais conhecido e usado em toda a região alentejana, sendo coentro ou coentros para a *C. sativum*, poejo para a *M. pulegium* e hortelã-da-ribeira para a *M. cervina*. Na sub-região do Alto Alentejo, aparecem ainda os nomes de poejo-de-folha-larga para a *M. pulegium* e poejo-fino para a *M. cervina*. Destes nomes, os apresentados para a *M. pulegium* (poejo, poêjo, poejos) estavam registados na bibliografia entre vários outros (poejo, poêjo, poejos, hortelã-dos-Açores, hortelã-pimenta-mansa) (Novais, 2002; Costa, 1994). No Parque Natural de Montesinho (Carvalho, 2005) a *M. pulegium* é conhecida por: poejo, poejos, mangerico-do-rio e poejo-dos-lameiros. No parque Natural de São Mamede, Camejo-Rodrigues (2001) recolheu o nome vulgar de surguilheira para *M. cervina*. Os restantes nomes vulgares da *M. cervina* (hortelã-da-ribeira, poejo-fino) não estavam ainda documentados, assim como não estava documentado o carácter sub-regional dos nomes poejo-de-folha-larga e poejo-fino.

As referências aos usos como alimento/condimento recolhidas para as *Mentha* sp., sobretudo aqueles na área de influência do Alentejo, coincidem com os trabalhos publicados de *M. pulegium*; as citações referentes ao coentro também estão de acordo com o publicado (Gaspar *et al.*, 1995, Camejo-Rodrigues, 2001; Serrano, 2004; Novais *et al.*, 2004; Carvalho, 2005).

Constatámos que a maioria dos informantes cultiva as suas plantas aromáticas e medicinais em pequenas áreas no seu quintal, em vaso ou em canteiro; o que denota que o cultivo é, maioritariamente, para consumo próprio. O cultivo das plantas também é

um indicador da erosão genética da espécie, uma vez que 93% dos informantes cultivam a *M. cervina* enquanto que apenas 59% cultivam a *M. pulegium*. Para a *C. sativum*, sendo uma espécie inexistente na natureza nesta região, este critério não é útil.

Foram registadas 53 citações de usos medicinais para ambas as *Mentha* sp. (37 para *M. pulegium*, 16 para *M. cervina*); 76 % para o sistema respiratório (13 referentes a *M. cervina*, 29 a *M. pulegium*); 11 % para o sistema digestivo (3 de cada *taxa*) e 13% para outros usos medicinais. As citações de uso medicinal encontradas coincidem *sensu lato* com as referidas pela bibliografia para *M. pulegium* (Gaspar *et al.*, 1995; Torres & Guita, 1995; Vasquez *et al.*, 1996; Marti, 1998; Bonet *et al.*, 1999; Manganelli *et al.* 2001; Agelet *et al.*, 2000; Viegi *et al.* 2003; Serrano, 2004; Novais *et al.*, 2004, Carvalho, 2005; Camejo-Rodrigues *et al.*, 2003; Camejo-Rodrigues, 2006), exceptuando-se o uso como vermífugo que é novo. As utilizações da *M. cervina*, encontradas e recolhidas, são muito idênticas às de *M. pulegium*, mas não se encontram registadas em trabalhos anteriores. Genericamente, ambas as espécies são utilizadas no Alentejo para tratar problemas relacionados com os sistemas respiratório e digestivo. Não foram recolhidas citações sobre a utilização medicinal do oentro na região, apesar desse uso estar registado na bibliografia consultada.

Relativamente aos usos como condimentar, a frequência de uso de *C. sativum* e *M. pulegium* é maior que de *M. cervina*. O coentro e poejo são utilizados maioritariamente pelo menos uma vez por semana; enquanto a *M. cervina* é usada uma vez por mês ou menos. Foram registadas 184 citações de usos como condimentar para os *taxa*. As referências aos usos como alimento/condimento recolhidas para as espécies de *Mentha* sp. coincidem com as publicadas nos trabalhos referentes a *M. pulegium*; assim como as citações relativas ao uso condimentar de *C. sativum* (Camejo-Rodrigues, 2001, Serrano, 2004, Novais *et al.*, 2004, Gaspar *et al.*, 1995, Carvalho, 2005), sobretudo na área do Alentejo. Tanto no Alentejo como na área acima do rio Tejo, estas espécies são usadas como condimento e aromatizantes, sobretudo em açordas, sopas, pratos de peixe e saladas.

Conclusões

Das citações recolhidas de uso condimentar/alimentar, as diferentes receitas de licores de poejo e de ‘piso’ de poejos e coentro foram aquelas que nos pareceram mais promissoras como produtos da fileira agro-industrial com potencial para o desenvolvimento regional sustentável.

Existe uma grande diversidade de citações de usos medicinais de *Mentha pulegium* e *Mentha cervina*, sobretudo para tratamento de problemas respiratórios e digestivos, mas também outros usos, como por exemplo, vermífugo (inédito), o que abre promissoras perspectivas para a indústria farmacêutica e para a etnomedicina.

Existem evidências de que o conhecimento tradicional está a desaparecer, devido à desertificação humana das zonas rurais e ao envelhecimento da população. Esse conhecimento faz parte da nossa herança cultural e é necessário como fonte de informação para o desenvolvimento de novos produtos farmacêuticos ou agro-industriais, capazes de contribuir para o desenvolvimento regional sustentável. Os estudos de etnobotânica na região da raia alentejana são poucos, sendo do nosso conhecimento apenas o que foi realizado por Camejo-Rodrigues em 2001 no Parque Natural de S. Mamede. Deste modo, considerando estes resultados como uma boa aproximação à etnobotânica dos coentros e poejos no Alentejo, será necessário e urgente efectuar mais estudos na região raiana, englobando a totalidade da flora aromática e medicinal da região.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os informantes que partilharam os seu conhecimento com a nossa equipa no terreno. Também agradecemos o financiamento da União Europeia e do governo português através dos projectos de I&D Agro 34 e Agro 522.

Referências bibliográficas

Agelet, A., M. A. Bonet, J. Vallès (2000), Homegardens and their role as a main source of medicinal plants in mountain regions of Catalonia (Iberian Peninsula), *Economic Botany*, vol. 54, pp. 295-309.

Alexiades, M. N. (1996), Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques, *In* M. N. Alexiades (ed.), *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*, New York: The New York Botanical Garden, pp 53-94.

Amorozo, M. C. M. (2002), Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo António do Leverger, MT, Brasil, *Acta Botanica Brasileira* 16 (2), pp. 189-203.

Begossi, A. (1996), Use of ecological methods in Ethnobotany: diversity indices, *Economic Botany* 50 (3), pp. 280-289.

Bermejo, J. E. H.; E. G. Sanchez (1998), Economic Botany and Ethnobotany in Al -andalus (Iberian Peninsula: Tenth – Fifteenth Centuries), as unknown Heritage of Mankind, *Economic Botany*, vol. 52, pp. 15 - 26.

Bernard, H. R. (1988), *Research methods in cultural anthropology*, Newbury Park, CA: Sage Publications.

Blanco, E. (1996), Ideas metodológicas relativas al trabajo de campo etnobotánico. *Monografías del Jardín Botánico de Córdoba*, vol. 3, pp. 89-91.

Bonet, M. A.; M. Parada, A. Selga, J. Vallès (1999), Studies on pharmaceutical ethnobotany in the regions of L'Alt Empordà and les Guilleries (Catalonia, Iberian Peninsula), *Journal of Ethnopharmacology*, vol. 68, pp. 145-168.

Bown, D. (1995), *The Royal Horticultural Society encyclopedia of herbs & their uses*. Dorling Kinderley. London, pp. 158, 159, 311, 312.

Camejo-Rodrigues, J. S. (2001), *Contributo para o estudo etnobotânico das plantas medicinais e aromáticas no Parque Natural da Serra de S. Mamede*, [Tese de licenciatura], Lisboa: Faculdade de Ciências, Universidade Clássica de Lisboa, 249 pp.

Camejo-Rodrigues, J. S. (2006), *Recolha dos 'Saber-fazer' tradicionais das Plantas aromáticas e Medicinais. Concelhos de Aljezur, Lagos e Vila do Bispo*, AFLOSUL, Bordeira. 253 pp.

Camejo-Rodrigues, J.S., L. Ascensão, M. A. Bonet, J. Vallès (2003), An ethnobotanical study of medicinal and aromatic plants in the natural park of «Serra de São mamede» Portugal, *Journal of Ethnopharmacology* 89, pp. 199-209.

Carvalho, A. M. P. (2005), *Etnobotánica del Parque Natural de Montesinho, Plantas, Tradición Y Saber Popular en un Territorio del Nordeste de Portugal*, [Tesis Doctoral], Universidad Autónoma de Madrid, 468 pp.

Casana-Martínez, E., R. Galán-Sol de Villa, J. E. Hernández-Bermeho (1996), Registro de datos: Preparación y Estrategia del Trabajo de Campo, *Monografías del Jardín Botánico de Córdoba*, vol. 3, pp. 57-62.

Costa, A.F. (1994), *Farmacognosia*, vol.I, 5.^a Ed, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 653, 689.

Cotton, C.M. (1996), *Ethnobotany - Principles and Practices*, John Wiley and Sons, West Sussex, 424 pp.

Delaveau, P. *et al.* (1983), *Segredos e Virtudes das Plantas Mediciniais*, Selecções do Reader's Digest. Lisboa. 463 p.

Gaspar, N., M. Cruz, M. Batista, D. Caldas, P. Mendes, A. Machado (1995), Estudos de Etnobotânica no Distrito de Santarém, *Encontro Nacional de Plantas Aromáticas e Mediciniais*, Vila Real.

Jain, S. (1987), *A Manual of Ethobotany*, Scientific Publishers, Jodhpur-India, 228 pp.

Manganelli, R.E.U., F. Camangi, P.E. Tomei (2001), Curing animals with plants: traditional usage in tuscan (Italy), *Journal of Ethnopharmacology*, vol. 78, pp. 171-191.

Marti, A.S. (1998), *Estudis etnobotànics a les guilleries*, [Tese de licenciatura], Facultat de Farmàcia, Universitat de Barcelona, pp 98-99.

Martin, G. J. (1995), *Ethnobotany - A People and Plants Conservation manual*, Chapman & Hall, London, 268 pp.

Mesa, S. (1996), Algunos elementos para el análisis numérico de los datos en Etnobotánica, *Monografías del Jardín Botánico de Córdoba* 3, pp. 69-73.

Morris, J.A.; A. Khettry; E.W. Seitz (1979), Antimicrobial activity of aroma chemicals and essential oils, *Journal of the American Chemical Society*, vol. 56, pp. 595-603.

Moreira, C., N. Farinha, O. Póvoa (2005), «Preliminary Study of Coriander's (*Coriandrum sativum* L.) Ethnobotany and Variability in the Alentejo Region» in *Revista de Fitoterapia* 2005; 5 (SI), pp. 196-201.

Monteiro, A., O. Póvoa, S. Marinho, L. Rodrigues, P. Monteiro (2007), *Mentha pulegium e Mentha cervina. Os poejos na Boa Cozinha Portuguesa*, Isapress, Lisboa. 107 pp.

Novais, M. (2002), *Plantas Aromáticas e/ou Medicinais no Parque da Natural da Arrábida*, Universidade de Évora, 233 pp.

Novais, M.I. Santos, S. Mendes, C. Pinto-Gomes (2004), Studies on pharmaceutical ethnobotany in Arrabida Natural Park (Portugal), *Journal of Ethnopharmacology* vol. 93, pp. 183-195.

Palacín J.M. (1996), Notas sobre el estudio de la medicina popular del alto Aragón, *Monografías del Jardín Botánico de Córdoba*, vol. 3, pp. 15-22.

Pardo de Santayana, M. (2003), *Las plantas en la cultura tradicional de la antigua Merindad de Campoo*, [Tesis doctoral], Facultad de Ciencias, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid. 398 pp.

Pardo de Santayana, M.; J. Tardío; R. Morales (2005), The gathering and consumption of wild edible plants in the Campoo (Cantabria, Spain), *International Journal of Food Sciences and Nutrition*, vol. 56, pp. 529-542.

Portères, R. (1970), Cours de ethno-botanique et ethno-zoologie (1969-1970). vol. I, *Ethnobotanique générale*. Paris: Museum National d' Histoire Naturelle, Laboratoire de ethno-botanique et ethno-zoologie.

Rivera, D.; A. Verde; C. Inocêncio; C. Obón (2003), La utilidad de los índices de usos totalizados en la Investigación Etnobotánica com fines etnofarmacológicos, *Resúmenes del 5º Colóquio Europeu de Etnofarmacologia*, Valencia, p.114.

Schultes, R. E., S. von Reis (eds.) (1995), *Ethnobotany. Evolution of a Discipline*, London, Chapman & Hall.

Serrano, L. J. L. (2004). *Estudos sobre a composição química e actividade biológica das folhas de Mentha cervina (L.) Fresen*, [Trabalho de projecto para a disciplina de Laboratórios II], Universidade de Évora, Évora, pp. 53, 58-59.

Tardio, J.; H. Pascual; R. Morales (2002), *Alimentos Silvestres de Madrid. Guia de plantas e setas de uso alimentario tradicional en la comunidad de Madrid*, Ediciones La Librería, Madrid, p. 21.

Torres, N.; R. Guita (1995), *Ervas e Cheiros - Espécies Aromáticas e Mediciniais do Concelho de Mértola*, Escola C+S de Mértola, Mértola, pp. 26-27.

Tuxill, J.; G. P. Nabhan (2001), *People, plants and protected areas. A guide to in situ management*, London, Earthscan Publications.

Vásquez, F.M., M.A. Suarez, A. Pérez (1996), Medicinal plants used in the Barros Area, Badajoz Province (Spain), *Journal of Ethnopharmacology*, vol.55, pp. 81-85.

Viegi, L.; A. Pieroni; P.M. Guarrera; R. Vangeslisti (2003), A review of plants used in folk veterinary medicine in Italy as basin for databank, *Journal of Ethnopharmacology*, vol.89, pp. 221-244.

Villar, L. (1996), Propuesta de un sistema de tipificación en etnobotânica: Herbario, *Monografías del Jardín Botánico de Córdoba*, vol. 3, pp. 75-78.

Zent, S. (1996), Behavioral orientations toward ethnobotanical quantification. In M. N. Alexiades (ed.), *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*, New York: The New York Botanical Garden, pp. 53-94.

Notas sobre os autores

Orlanda Póvoa

opovoa@gmail.com

Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior Agrária de Elvas

Licenciado em Engenharia Florestal Agronomia, doutorado em Agronomia, Professor Adjunto, trabalho de investigação sobre conservação de recursos fitogenéticos

Noémia Farinha

nfarinha@esaelvas.pt

Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior Agrária de Elvas

Licenciado em Agronomia, doutorado em Agronomia, Professor Coordenador, trabalho de investigação sobre conservação de recursos fitogenéticos